

A PASSIVIDADE DO SUJEITO: EFEITOS DA EXPOSIÇÃO DEMASIADA AOS APARELHOS ELETRÔNICOS DURANTE O ISOLAMENTO SOCIAL NA FORMAÇÃO DOS JOVENS ESTUDANTES.

Rosângela Dos Santos Da Silva Dias¹, Isadora Santos Portela², Maria Da Conceição Nascimento Marques³

¹Estudante do Ensino Médio Do Colégio Da Polícia Militar - Dendezeiros,
E-mail: rosangeladias355@gmail.com

²Estudante do Ensino Médio Do Colégio Da Polícia Militar -Dendezeiros,
E-mail: isaportela03@hotmail.com

³Professora Orientadora do Projeto da Radio - GEOTEC
E-mail: marquesconceicao65@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Aparatos Eletrônicos, Educação Contemporânea, Isolamento social

Introdução

A discussão sobre o uso excessivo de aparelhos eletrônicos não é uma novidade para pesquisadores sociais, afinal, não é possível entrar em debates contemporâneos sem citar tal fenômeno. No entanto, o ano de 2020 ganhou destaque devido à necessidade de isolamento social em escala global – pandemia covid-19 - deste modo, as instituições educacionais sofreram adaptações socio espaciais, repentinamente, para suprir as condições do atual cenário. Neste contexto, faz-se urgente problematizar sobre a situação do jovem como um dos afetados sob a perspectiva educacional. O objetivo da presente pesquisa é analisar uma correlação entre o aumento de exposição de telas pelos jovens e os efeitos na deficiência de aprendizagem na educação básica. Para isso, o referente trabalho expõe os vícios dos smartphones que contribuem para a infoxicação - neologismo criado pelo pesquisador espanhol Alfons Cornella, fazendo referência aos prejuízos relacionados à quantidade de informação consumida através dos meios de comunicação - vivida pelos discentes de 13 a 18 anos. Durante uma participação no quadro "Um olhar sobre o mundo", transmitido pela TV Brasil - importante rede televisiva nacional -, Cornella explora os efeitos da infoxicação na sociedade e discute possíveis soluções para enfrentar essa crise que se assemelha a uma nova epidemia. Ainda nesta lógica, pode-se questionar: existe uma cura? existe alguma ação capaz de impedir completamente os efeitos da infoxicação de informações no nosso corpo? Para o autor, há uma "cura" de cunho psicológico: como cada um aprende a se mover no entorno do mundo digital. Na prática, isso significa que é necessário aprender a filtrar, a ter critério, a determinar rapidamente quais informações são confiáveis, qual informação não é. Pode-se afirmar que se configura como um paradoxo, uma vez que a solução para a infoxicação é separar mais informação que te ajude a encontrar o que você necessita. A proposta de Cornella vai de encontro com o princípio da exclusividade e relevância: catalogar o que for essencial. É por meio desta atividade que se torna possível excluir tudo o que não for importante, atentando para a qualidade das informações e a legitimidade da fonte. O mundo virtual é um espaço que possibilita a criação de diferentes cenários e personagens; é um espaço de poder. O usuário torna-se parte da rede de conexões construída ali, assumindo uma posição e usufruindo das interconexões ao relacionar-se com outros usuários. Hoje é praticamente automático seguir esse raciocínio e visualizar o que está nas redes. No entanto, pouca atenção é dedicada à identificação das patologias trazidas por esse panorama. As realidades são confundidas e o que prevalece é a projeção feita para o ambiente conectado. O virtual torna-se o novo normal; um mundo de coisas falsas, coisas que não existem, e que são muito atraentes. Nesse sentido, a atual conjuntura também exclama perigos à formação política: se uma pessoa recebe a informação que quer ouvir porque tem uma determinada ideologia, ela repercute essa informação a outras pessoas. A razão para isso é que o cérebro humano funciona por meio de sistemas de recompensa, isto é, interpreta os estímulos que recebe para gerar uma resposta; nas redes sociais, os estímulos não possuem limites. Na verdade, toda a arquitetura das mídias é feita para capturar a atenção do usuário, transformando-o em um produto. O documentário O dilema das redes (dirigido por Jeff Orlowski), que fora apresentado no Festival de Sundance em fevereiro de 2020 e obteve grande repercussão após ser adicionado no catálogo da Netflix, discute o problema das redes sociais

sob a ótica de especialistas no ramo. O longa evidencia os alarmantes dados acerca da saúde mental dos usuários, bem como discute os efeitos ao destacar as mudanças recentes na política em escala global. Neste caso, em especial, observa-se a eleição de candidatos por meio da disseminação de Fake News. Como explorado pelo documentário e também analisado por diferentes cientistas políticos, as eleições presidenciais de 2018 no Brasil foram alvo da propagação direta e indireta de Fake News. Na época, era possível notar um forte engajamento dos apoiadores do atual presidente nas redes, compartilhando milhares de boatos acerca dos adversários e, conseqüentemente, fragilizando a democracia - que ainda é recente no país. Não à toa, o fenômeno visto nesta última eleição levantou debates na esfera geopolítica e ficaram conhecidas como "eleições de WhatsApp". Segundo Tai Nalon, diretora da plataforma de checagem aos fatos - responsáveis por verificar discursos de políticos nas redes sociais, com o objetivo de eliminar todos os registros potencialmente falsos e, portanto, proporcionalmente perigosos -, a segurança do voto eletrônico no Brasil é uma temática chave na formulação de narrativas tendenciosas porque resgata um sentimento antigo dos brasileiros: o ódio à classe política. Assim, a relação desarmoniosa com as redes sociais em conjunto com a via política fomenta a descrença do sistema eleitoral e da própria democracia. A pandemia trouxe a utilização da tecnologia como necessidade vital para manutenção da relação professor-aluno. Porém, é preciso entender que, antes de ser uma ferramenta pedagógica, o aparelho eletrônico constitui uma ferramenta de uso pessoal dos estudantes. E como tal, possui diferentes demandas destes jovens. O desafio encontra-se em dividir o técnico-educacional e o uso pessoal. Para ilustrar, pode-se pensar no recebimento de notificações enquanto movimenta-se por uma sala de aula virtual e, inevitavelmente, abrir outros aplicativos que não são oportunos naquele dado momento. Esse poderia ser como um dos principais exemplos do dilema no meio virtual. Muitas vezes, em busca da aprovação alheia, as pessoas priorizam a realidade virtual em detrimento da realidade palpável. Dedicando-se à interpretação desse comportamento, a fim de traçar o perfil dos usuários com maior precisão, os profissionais responsáveis pelo design das mídias sociais possuem o estudo aplicado da neurociência na base curricular. Desta forma, tem-se a formatação de ferramentas que capturam a atenção dos indivíduos, além de quantificar o seu valor subjetivo. Para exemplificar, pode-se citar o famoso ícone do "Like" como um estímulo constante presente no cotidiano de 2,5 bilhões de pessoas ativas - sendo 130 milhões de brasileiros -, ocupando o primeiro lugar no ranking das redes sociais mais usadas em 2021 de acordo com o relatório referência elaborado por We Are Social e Hootsuite. A habituação com o "Like" por parte de mais de dois bilhões de pessoas gera uma dependência similar à atuação de drogas ilícitas, visto que o mesmo sistema acionado pela cocaína é observado em usuários dependentes do Facebook, como divulgado por um estudo realizado pela Universidade do Estado da Califórnia. Inicialmente, o botão de curtida foi projetado para fóruns genéricos, mas após ser adquirido por Mark Zuckerberg em 2009, passou a integrar o símbolo identitário do Facebook. Em seguida, foi inserido no Instagram seguindo a mesma operacionalização, apenas com um fenótipo diferente. E em meados de 2019, o Instagram anunciou uma nova medida na sua comunidade: ocultação do número de curtidas para evitar bullying e pressão social. A atualização permitiu maior cuidado com os efeitos fisiológicos dos internautas, uma vez que o botão do like causa um forte estímulo. De acordo com a Sociedade Brasileira de Psiquiatria, a dopamina - neurotransmissor relacionado ao bem-estar e à recompensa - possui um grande papel na dependência tecnológica. Assim, ao entender a infociação como fenômeno ativo nos jovens, volta-se a análise para o macro espaço, chamado de "Cibercultura" pelo filósofo e sociólogo francês Pierre Lévy, que estuda a Ciência da Informação e da Comunicação e apresenta o conceito em seu livro mais conhecido, publicado em 1997. O autor é um grande defensor da democratização do conhecimento em razão da inserção de todos nas novas interações entre informação e sociedade. Nesse contexto, percebe-se que a melhor forma de censura é a extensão da informação, ou seja, se você quer que as pessoas fiquem confusas e não recebam a informação verídica, você então deve oferecer muita informação. Quanto mais confusa, melhor; para que as pessoas não saibam qual é a informação em que devem acreditar. Gera-se muita informação, e atrapalha o aprendizado dos estudantes que não sabem qual caminho seguir por ter muitas direções ou seja: não sabem em quem prestar atenção, não sabem em quem acreditar e acabam, como falado antes, acreditando naquele que tem uma ideologia mais próxima da sua. Diante disso, Alfons Cornella afirma que o dilema da informação e a explosão da infociação serão estudados futuramente como causas para as mudanças nos modelos de civilização vigentes no mundo hoje. Sim, estamos enfrentando uma mudança em nossa civilização.

Materiais e Métodos

A metodologia aplicada para sustentar esse estudo é a pesquisa bibliográfica, com ampla utilização de fontes secundárias. O diagnóstico feito por meio de livros, artigos e demais documentos foram essenciais para o desenvolvimento do presente trabalho. Para a efetivação da discussão, os dados foram tratados com o cuidado necessário, atentando para os relatórios mais recentes e que possibilitasse uma comparação entre o período anterior à pandemia e o período de isolamento. Isso pode ser visto no último levantamento do Sindicato Nacional das Empresas de Telefonia e de Serviços Móvel Celular e Pessoal (SindiTeleBrasil), em que o isolamento social registrou um aumento de 30% no tráfego de internet do Brasil. E um outro estudo apontado pela Sociedade Brasileira de Urologia afirma que antes da pandemia, 18% dos jovens relataram fazer uso das tecnologias digitais por mais de seis horas diárias com o isolamento. Os efeitos físicos constituem uma questão desafiadora desta exposição demasiada: o pestanejar fisiológico, isto é, o abrir e fechar os olhos acontece de forma automática por ser um reflexo natural. Possui função de proteção e atua na lubrificação dos olhos. Segundo um estudo publicado no "The Annals of Neurology" - jornal de publicação acadêmica para estudantes de Medicina - um adulto pisca em média 15 vezes por minuto, e crianças de menor faixa etária seguem o mesmo ritmo, existindo uma diferença considerável apenas em bebês (cerca de 5 vezes por minuto). Sabendo disso, pode-se entender a razão dos efeitos nocivos à visão causados pelo uso demasiado de aparelhos eletrônicos: ao fixar os olhos numa tela, há uma redução nas piscadas, em média 3-5 vezes menos da quantidade considerada normal, o que resulta no ressecamento e na fadiga ocular. A audição também entra para essa lista: A Universidade Tel Aviv realizou um estudo que foi publicado pela revista VEJA (2011), os resultados mostraram que 80% dos jovens usam fones de ouvidos para escutar música regularmente, 20% utiliza o aparelho por mais de uma hora e menos de quatro e 8% dos adolescentes ultrapassam o limite das quatro horas. Esses problemas citados passam despercebidos para os jovens que por tamanha dependência, não conseguem identificar e diagnosticar esses efeitos em sua saúde.

Sob um segundo olhar, observa-se que a Síndrome da Fadiga Informativa merece destaque. Este conceito é nomeado pelo psicólogo David Lewis, autor do livro 'Information Overload', no qual afirma que a overdose de informações pode nos gerar irritabilidade, distúrbios de sono, problemas gástricos, dificuldades de memorização, tensão e estresse, além de efeitos crônicos como doenças psiquiátricas (depressão, pânico, ansiedade entre outras). A saúde emocional também é afetada pelo uso excessivo destes aparelhos, porém há um descaso maior. Para ilustrar, pensemos na terapia física pós-traumática... são boas as chances de que, quanto mais cedo se tratar do dano físico, menor e menos grave serão suas consequências. Da mesma forma, quanto mais rápido se identifica e trata um problema de ordem psicológica, menos efeitos serão sentidos. E quando há a normalização de uma má qualidade de vida por parte dos jovens, os hábitos nocivos não vão se diferenciar dos demais. Apenas deixam de ser questionados e avaliados. Isso vai de encontro aos estudos feitos no periódico "Emotions", da Associação Americana de Psicologia, que revelam uma relação não muito curiosa para o que estamos analisando: os jovens que passam muito tempo com os olhos vidrados nas telas de aparelhos eletrônicos são menos felizes que colegas que preferem outras atividades. Segundo a psicóloga gestora do estudo, os adolescentes mais felizes passam pouco menos de uma hora diária nas redes sociais, mas após uma hora de uso, a infelicidade aumenta de maneira consistente, acompanhando o aumento no uso de telas. Assim, problemas como baixo desempenho escolar durante o período de isolamento está atribuído, indiscutivelmente, ao tempo passado em frente às telas, demonstrado por incertezas dos estudantes nas respostas e na certeza sobre a veracidade de informações apresentadas na escola.

Resultados e Discussões

Portanto, o isolamento social trouxe novos hábitos tecnológicos para a vida dos jovens, que ocasionou drásticas consequências devido ao uso excessivo de aparatos tecnológicos que junto ao isolamento em si dificultou o processo qualitativo da aprendizagem. Diante da questão exposta, fica perceptível a relação problemática dos brasileiros com os aparelhos eletrônicos. A ressignificação do uso das TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação) faz-se urgente para que as propostas na educação sejam implementadas. Ainda na lógica de Lévy, as transformações apenas serão possíveis caso o uso da Internet atue como ferramenta aliada da educação. A cibercultura não espera, por isso é preciso analisar as diferentes formas de manifestação vista hoje. Tem-se a falta de um objetivo claro, sem critério.

São apenas indivíduos manifestando em suas próprias bolhas. Não é mais uma massa que se rebela; são pessoas individualmente somadas e que querem uma mudança. É comum, diante da ausência do sentimento de coletividade, a relativização das causas. Conforme pontuadas neste trabalho, as enfermidades psíquicas partem da urgência em denunciar o modo de vida e as perspectivas no mundo digital. Em síntese, o smartphone traz a dificuldade de lidar com o negativo. É uma tecnologia revolucionária de uso interativo, que permite conexões jamais imaginadas, criando várias formas de inteligência coletiva. Entretanto, afeta diretamente a saúde mental dos usuários, em decorrência da exposição demasiada sem o devido acompanhamento e mediação pedagógica. Altamente conectados virtualmente, mas desprovidos de ligações extensas fora das telas. Na prática, projeções indicam que o Hikikomori (termo japonês que significa afastamento social severo) e a Nomofobia (medo de ficar sem celular) sejam cada vez mais frequentes, formando um novo tecido social. A dependência do celular altera também a identificação do indivíduo. A homogeneidade cria sujeitos passivos e gera aumento na Síndrome da Fadiga da informação, limitando o pleno desenvolvimento das subjetividades e do senso cognitivo.

Considerações Parciais

Seria possível usar o celular sem ser dominado por este? "Hoje tudo aquilo que não é enumerado, cessa de ser." - Byung chul Han. Desse jeito, o pensador alerta para a exploração particular do ser social sendo rotulada como realização, é nessa perspectiva que o digital assume o lugar de enxame. A educação contemporânea supera as restrições do ensino tradicional e, com a influência da pandemia covid-19, ultrapassa qualquer limite preexistente. As ferramentas tecnológicas devem fomentar o potencial dos estudantes, deixando as janelas de comunicação abertas para a troca de ideias já que conhecimento não é adquirido com o acúmulo de informações; em fato, apenas acarreta na infociação. O conhecimento provém de uma rede de informações de qualidade e bem selecionadas, a fim de alcançar um propósito. A mera informação não possui nenhuma contribuição, somente acarreta excessos. Após evidenciar algumas das nuances próprias desta estrutura, pensa-se nos desafios enfrentados pelos jovens. A educação contemporânea é agora e os problemas também estão sendo vistos agora. Uma disciplina voltada para os estudos de mídia e comunicação consolida-se como uma intervenção honesta diante das fragilidades encontradas no sistema virtual. O ensino e a aprendizagem encontram-se dispostos nesta disciplina, com uma preparação maior na administração das emoções, de forma a alavancar as habilidades e competências de cada um. Em suma, a exposição aos aparelhos eletrônicos por parte dos jovens é uma realidade; o que se contesta aqui é o seu uso excessivo, improdutivo e nocivo - que aumentou exponencialmente por influência do isolamento social. Os desafios vivenciados pelos jovens precisam ser debatidos a fim de promover uma educação contemporânea de qualidade.

REFERÊNCIAS

- CORNELLA, Alfons. Infociação : buscando un ordenen la información. Infonomia, 2004.
- CORNELLA, Alfons. Radical is normal. Alfons Cornella, 2021. Disponível em: <<https://alfonscornella.com/2021/01/20/radical-is-normal-2/>>. Acesso em: 26 de agosto de 2021
- CRUZ, Elaine Patrícia. O Brasil tem 243 milhões de crianças e adolescentes utilizando Internet. Agência Brasil, 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-09/brasil-tem-243-milhoes-de-crianca-s-e-adolescentes-utilizando-internet> Acesso em: 21 de agosto de 2021

HAN Byung-Chul. No enxame: perspectivas do digital. Rio de Janeiro: Vozes, 2017a.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999

LEWIS, David. *Information Overload: Practical Strategies for Surviving in Today's Workplace*. Inglaterra: Penguin UK, 1999.

Lo radical es norma. Produção: TedxTalks, YouTube. 1 de janeiro de 2012. 19 minutos e 50 segundos. Disponível em: <<https://youtu.be/SKT5RCIkIEc>>. Acesso em: 24 de agosto de 2021

MENEZES, Luiz Fernando e Leonardo Cazes. Como funcionam as urnas eletrônicas e o que garante que os votos estão seguros nelas. *Aos Fatos*, 2021. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/como-funcionam-urnas-eletronicas-e-o-que-garante-qu-e-os-votos-estao-seguros-nelas/>>. Acesso em: 26 de agosto de 2021.

MCGIVERN, Canice, J. Mark Gibson. Characterisation of ocular fixation in humans by analysis of saccadic intrusions and fixation periods: A pragmatic Approach. *Science Direct*, 2006. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0042698906002501>>. Acesso em: 20 de agosto de 2021.

TWENGE, Jean M. , Thomas E. Joiner, Megan L. Rogers, Gabrielle N. Martin. Increases in Depressive Symptoms, Suicide-Related Outcomes, and Suicide Rates Among U.S. Adolescents After 2010 and Links to Increased New Media Screen Time.

Disponível

em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/2167702617723376?journalCode=cpxa> Acesso em: 27 de agosto de 2021

Um olhar sobre o mundo: Infoxicação. Autor: TVBrasil. YouTube. 7 de agosto de 2018. 28 minutos e 29 segundos. Disponível em: <<https://youtu.be/njuArrlhVRU>>. Acesso em: 24 de agosto de 2021

AGRADECIMENTOS

Nossos agradecimentos a orientadora Maria da Conceição Nascimento Marques - professora e pesquisadora atuante do projeto da Rádio -, que prioriza a autonomia das orientandas, agregando o conhecimento da literatura acadêmica por meio do diálogo orgânico. Também agradecemos a Adelson Silva da Costa, professor do ensino médio no Colégio da Polícia Militar - Dendezeiros, por ter incentivado a nossa participação no referido evento, sendo uma referência na rede de apoio da pesquisa produzida. Um agradecimento especial ao CPM- Dendezeiros, que possui o projeto da Rádio. Por fim, agradecemos imensamente à Feira de Municípios e Mostra de Iniciação Científica da Bahia (FEMMIC), portador deste feito, pela capacidade de adaptação diante da situação pandêmica, configurando o modelo tradicionalmente presencial para o formato online. Sem a promoção do evento, o aval desta pesquisa não seria possível.